

A REPRESENTAÇÃO DO HOMEM ÁRABE NA NARRATIVA DE ÉDOUARD LOUIS: O FIM DE EDDY E HISTÓRIA DA VIOLÊNCIA

THE PORTRAYAL OF THE ARAB MAN IN
ÉDOUARD LOUIS' NARRATIVE: THE END
OF EDDY AND HISTORY OF VIOLENCE

Rodrigo Matos da Silva Gonçalves (UFS)

0000-0002-2055-8648



Como citar: GONÇALVES, R. M. da S. A representação do homem árabe na narrativa de Édouard Louis: o fim de Eddy e história da violência. *Miguilim - Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 13, n. 3, p. 202-215, set.-dez. 2024.

doi: 10.47295/mren.v13i3.1580
recebido em 26/02/2024 – aprovado em 01/10/2024



Resumo

O presente trabalho é uma pesquisa bibliográfica e teórica sobre as obras *En finir avec Eddy Bellegueule* e *Histoire de la Violence*, escritas por Édouard Louis. As obras utilizadas aqui foram as edições brasileiras da editora Planeta do Brasil e traduzidas do francês para o português por Francesca Angiolillo: *O Fim de Eddy* (2018) e *História da Violência* (2020). Os autores utilizados para discutir as questões de identidade e representações foram Edward W. Said com *Orientalismo* (2007) e Homi K. Bhabha e seu livro *The Location of Culture* (2004). Por fim, trouxemos também o estudo de Lynn Mário T. Menezes de Sousa (1996) sobre a relação da história com a literatura a partir de um olhar pós-colonial, assim como um breve panorama da sociedade francesa atual levantado por meio de notícias e pesquisas publicadas em periódicos. Ao final da pesquisa, foi possível ilustrar como a figura do homem árabe é construída nas narrativas de Louis e como elas são consoantes ao pensamento francês contemporâneo.

Palavras-chave: Narrativa. Literatura Francesa Contemporânea. Édouard Louis. En Finir Avec Eddy Bellegueule. Histoire de la Violence.

Abstract

This present work is a bibliographic and theoretic research about the books *En finir avec Eddy Bellegueule* and *Histoire de la Violence*, written by Édouard Louis. We used the Brazilian edition of these works published by Planeta do Brasil and translated from French to English by Francesca Angiolillo: *O Fim de Eddy* (2018) and *História da Violência* (2020). To discuss identities and representation matters, we used Edward W. Said and his work *Orientalism* (2007) and Homi K. Bhabha and his *The Location of Culture* (2004). Finally, we also used Lynn Mário T. Menezes de Souza's (1996) study on the relationship between history and literature, through the post-colonial lens, as well as a short overview of the current French society gathered through news and articles. By the end of this survey, it was possible to illustrate how the figure of the Arabic man is portrayed in Louis' narratives and how they meet contemporary French opinion.

Keywords: : Narrative. Contemporary French Literature. Édouard Louis. En Finir Avec Eddy Bellegueule. Histoire de la Violence.

INTRODUÇÃO

A França, como boa parte dos países europeus, demonstra uma dificuldade em acolher algumas minorias. Desses grupos, existe um que sofre com uma série de represálias civis e institucionais: os árabes. Eles, que são alvos de ataque há muito tempo, viram sua situação na França piorar depois dos ataques dos extremistas jihadistas ao jornal *Charlie Hebdo* em 2015. Desde então, políticos de extrema-direita atuam para que a liberdade em professar sua fé seja controlada, assim como a polícia francesa age de forma agressiva com islâmicos e pessoas de ascendência árabe, e existe uma parte da população que endossa essas atitudes. Segundo o levantamento de dados de Pinheiro e Santos (2020), 42% dos muçulmanos declararam já ter sofrido algum tipo de discriminação.

Não apenas isso: pesquisas apontam que mesmo o árabe sendo a língua estrangeira mais falada na França atualmente, o sistema público de ensino se recusa a adicionar a língua estrangeira à sua grade curricular, enquanto outras línguas europeias - como o inglês, espanhol e alemão - fazem parte da educação formal do país (Bubola, 2019).

Tanto as agressões quanto as exclusões sociais sofridas pelos árabes e franco-árabes refletem uma forma de violência para com esse grupo, afinal, “todo tipo de exclusão social é violento, pois não respeita a diversidade, condenando grupos à marginalização” (Lopes Jr., 2022, p. 58) e isso é um problema que conseguimos identificar na literatura. Podemos encontrar o retrato dessa situação vivida na França tanto pela perspectiva do oriental e de seus descendentes, como se vê nas obras de Marjane Satrapi, romancista e cartunista franco-iraniana, quanto pela voz dos próprios franceses, como é o caso de Édouard Louis, foco deste trabalho.

Louis aborda, a partir de autobiografias, episódios de preconceito e injúrias raciais que presenciou durante sua vida. Em duas de suas publicações, *En finir avec Eddy Bellegueule* e *Histoire de la Violence*, somos expostos à visão que as pessoas com quem ele convive - e em alguns momentos até ele mesmo - têm dos árabes que habitam na França. Para isso, Louis se vale de falas de terceiros para compor a visão que existe do grupo minoritário, e isso acontece por meio de falas preconceituosas vindas de familiares, polícia, vizinhos.

Essa composição, inicialmente, não é combatida com outra visão sobre o assunto, ou com a presença de um personagem árabe para contradizer o que é dito, o que pode - e deve - ser

problematizado. Sobre isso, é possível trazer para a discussão a apresentação feita por Bhabha (2004) no que diz respeito à reprodução de estereótipos: “o estereótipo ... é a sua [dos autores de modo geral] principal estratégia discursiva, é uma forma de conhecimento e identificação que hesita entre o que está sempre “no lugar”, o já conhecido, e algo que deve ser inquietamente repetido” (*ibidem*, p. 94). Logo, a presença de uma visão única em obras literárias pode servir para um propósito ou ser reflexo da crença de uma sociedade.

As perspectivas retratadas por Louis fazem parte de uma estrutura social e política que opera para que as situações aconteçam desse modo, afinal “tais sociedades estáveis e normatizadas operam de uma maneira que parece simplificar e homogenizar ‘fatos’, fazendo com que aparentemente não haja nenhuma dificuldade em compreendê-los” (Menezes de Souza, 1996, p. 49), e essa visão pode ser apontada nas políticas públicas de proibir o uso do véu ou hijab em espaços abertos, nas escolas, nos museus - e por mais que esse seja um símbolo religioso, é algo que remete à figura da pessoa árabe.

Essa tradição pode ser compreendida não como algo exclusivo francês, mas sim como parte da cultura europeia. Said (2007) aponta em seu livro *Orientalismo* como essa representação e entendimento do Oriente foi estabelecida dentro de centros intelectuais e culturais. O intelectual palestino argumenta que, através do discurso, o Ocidente passou a não apenas representar, mas controlar como era a visão desse lugar e das pessoas que ali vivem. O que acontece aqui é que eles - os centros intelectuais e culturais - determinam qual é a realidade oriental, enquanto fortalecem o ideal de superioridade europeia.

Se pensarmos no exemplo apresentado também por Said, sobre o encontro do escritor francês Gustave Flaubert com a cortesã egípcia Kuchuk Hanem, no qual a representação da cortesã é feita exclusivamente através da voz de Flaubert, vemos uma ilustração de como o Ocidente dominante estava contando uma história que não era sua, e, ao fazê-lo, trazia em si um pensamento colonial, visto que é apresentada uma situação em que

ele falava por ela ... Ele era estrangeiro, relativamente rico, do sexo masculino, e esses eram fatos históricos que lhe permitiram não apenas possuir fisicamente Kuchuk Hanem, mas falar por ela e contar a seus leitores de que maneira ela era “tipicamente oriental” (*ibidem*, p. 33).

Ao colocar todas essas características como mais influentes, o autor passa para o leitor a força de sua nação, consolidando a identidade deles como elevada. Finalizando, Said afirma que

“a situação de força de Flaubert em relação a Kuchuk Hanem não era um caso isolado. Representa justamente o padrão de força relativa entre o Leste e Oeste, e o discurso sobre o Oriente que esse padrão tornou possível” (*ibidem*, p. 33), e com isso podemos estabelecer um diálogo novamente com Bhabha (2004), quando ele coloca o discurso colonial como uma articulação das diferenças raciais e sexuais - de gênero -, partindo do pressuposto de que o homem possui essa necessidade freudiana de se colocar como maior que o outro, mais desenvolvido, com mais aquisições, e o colonialismo seria mais um momento em que eles estariam buscando consolidar esse poder.

Objetivamos, então, realizar uma análise das obras de Louis a partir do exame da identidade árabe em sua prosa e, a partir do léxico empregado, propor uma discussão sobre como esse pensamento está próximo da realidade. Portanto, faz-se necessário investigar tais narrativas para podermos compreender como o pensamento é moldado para assumir essas representações como verdadeiras, e, trazendo Menezes de Souza (1996) novamente, entender como esses textos, “enquanto discursos normativos, - como o das narrativas históricas oficiais - procuram calar a alteridade e a intertextualidade que os constituem, mas os ecos dessas se fazem ouvir” (*ibidem*, p. 51).

UM BREVE PANORAMA LITERÁRIO

Quando vemos um grupo sendo mais valorizado do que outros, mais presente em materiais didáticos e em produções culturais, e tido, a partir de um conhecimento comum, como referência de comportamento, é necessário entender o que está por trás dessa crença. Quais foram os mecanismos necessários para que chegássemos ao século XXI enxergando a França e os franceses são referência de bons costumes?

Para responder aos questionamentos colocados acima, podemos trazer o que Rushdie disse sobre a relação que a história tem com aqueles que estiveram “por cima”, de que a “história ama apenas aqueles que a dominam: isso é uma relação de escravidão mútua”¹ (Rushdie, 1983, p. 124, *apud* Menezes de Souza, 1996, p. 46). Logo, o que precisamos entender dessas palavras é que as informações que chegam são aquelas contadas por quem mais dominou e escravizou,

¹ History loves only those who dominate her: it is a relationship of mutual enslavement.

assim como quem deteve os meios de pesquisas que por muitos anos e ditaram o que era verdade sobre a realidade de povos ao redor do mundo.

Um dos principais meios pelos quais esse grupo citado conseguiu disseminar seus ideais foi através da contação de histórias, ou seja, da linguagem. É a partir dessa construção de símbolos linguísticos que os europeus conseguiram contar a história das Américas, da África, da Ásia e da Oceania.

Seja a partir de construções narrativas ambíguas ou de reforços diretos nas obras, boa parte dos autores europeus moldaram um pensamento de que existia um modo único de representar diferentes povos e que todos estavam, de algum modo, inferiores ao padrão europeu. Podemos entender esse exercício como um processo de *significar* trabalhado por Menezes de Souza (1996). Ele define esse processo como algo baseado “numa visão da multiplicidade de significações linguísticas, e da heterogeneidade de interpretações onde o significado de uma palavra ou mensagem é visto como dependendo mais de seu contexto de uso e de seus intérpretes do que da palavra ou mensagem de si” (*ibidem*, p. 47).

Ou seja, ao lermos um texto, é preciso saber qual a autoria, qual o contexto histórico e em qual situação ele foi produzido. Todas essas características fazem parte da construção de sentido de uma história e é a partir desse conhecimento que podemos identificar o motivo de esse sentido ter sido estabelecido. É possível identificar essa construção, por exemplo, na obra *Sweeney Todd* (2020), romance escrito pelos ingleses Prest e Rymer², no qual há a representação de si e do outro. Em duas passagens é possível observar duas situações pertinentes ao tema: na primeira temos uma superestimação da figura do inglês, historicamente reconhecidos como mestre dos mares:

Foi uma cena de dar orgulho e alegria - uma cena que ninguém além de um inglês poderia apreciar totalmente -, ver aquela embarcação enfrentando de modo tão corajoso as águas. Dizemos que ninguém além de um inglês poderia apreciar porque nenhuma outra nação tentou alcançar uma existência marítima tão intensa

² A edição utilizada traz Thomas Peckett Prest e James Malcolm Rymer como autores, contudo, a obra, enquanto estava sendo publicada na *penny blood*, não era assinada por um autor ou autora. Segundo Vlad (2020), a obra gótica vitoriana é atribuída a Prest e Rymer porque ambos trabalharam no periódico na época e escrever para as *penny bloods* era uma atividade considerada informal, logo, os escritores não se preocupavam em reclamar suas autorias. A autora Salles (2015) aponta também o tópico da autoria possivelmente compartilhada entre os dois britânicos, porém ela vai além ao buscar fontes que comprovariam quem, de fato, foi o autor, mas sem sucesso, visto que os próprios pesquisadores da área se dividem em relação a essa questão. Ainda sobre os autores da obra, focando agora no Rymer, a pesquisadora Nesvet (2017) apresenta uma breve linha do tempo da família Rymer e aponta algumas semelhanças na narrativa de James Malcolm com um poema que, supostamente, pertenceu ao seu pai, no qual ele retrata o horizonte de possibilidades que a viagem à Índia proporcionou e que, mais tarde, foi abordado na obra de seu filho, através do personagem Ingestrie.

sem ser derrotada, e sem nos deixar ainda, como sempre seremos, mestre dos mares" (*ibidem*, 2020, p. 40).

Já na segunda passagem, o que é acontece é um distanciamento comportamental e moral da figura do oriental, posta no livro sem distinção de localidade:

Conseguiram chegar aos barcos e ao navio em segurança, parabenizando a si mesmos por terem conseguido escapar com sorte de um povo guerrilheiro o bastante para fazer maldade, mas não civilizado o suficiente para distinguir quando fazer isso ou não (Idem, p. 101).

A partir disso, podemos entender qual posição os autores Rymer e Prest buscavam defender em sua obra, visto que a figura dos outros foi representada como sendo inferior aos ingleses, sendo um povo bárbaro, incapaz de distinguir quando a violência é permitida ou não.

Estabelecidos esses pontos, partimos agora para a análise dessas características nas obras de Louis.

A REPRESENTAÇÃO ÁRABE NA NARRATIVA DE ÉDOUARD LOUIS

Como estabelecido previamente, analisaremos como os árabes são representados nos romances autobiográficos de Louis, *O Fim de Eddy* (2018) e *História da Violência* (2020). Em *O Fim de Eddy*, Louis narra a história de sua infância e adolescência em um vilarejo no norte da França e as violências que sofreu por não performar masculinidade. Nessa obra, o autor expõe uma série de acontecimentos que envolvem as ações diretas e indiretas de seus familiares e das pessoas com quem convivia em seu vilarejo e na escola. A partir disso, o autor constrói a imagem de um local hostil que vai além do espaço geográfico com a imagem da escola, da fábrica em que trabalham os homens, a praça da cidade onde as mulheres se encontram e os vastos campos verdes, e passa a ser representado também pelas pessoas que ali habitam.

O livro é dividido em duas partes. Na primeira, temos uma sucessão de episódios da vida de Eddy em que a violência aparece como tema principal. Esses acontecimentos são entendidos por Eddy como culpa de sua condição não-masculina, e são, a todo momento, uma motivação para que ele se ajuste àquela realidade, às expectativas daquelas pessoas, daquela cidade. Ao chegar na segunda parte da narrativa, quando há a concretização do fracasso de suas tentativas,

ele entende que para ele só há uma opção: a fuga. Fuga não apenas do espaço geográfico, mas também dos seus familiares e colegas.

No que diz respeito ao tema dessa pesquisa, a primeira obra de Louis apresenta uma ausência de personagens de ascendência árabe, mas o racismo está presente durante a narrativa, principalmente vindo dos pais dele. O discurso de superioridade é recorrente durante a obra - seja ela entre gêneros, idade, raça, origem ou classe. Em determinado momento, o narrador, ao falar sobre a educação que teve em casa, afirma o que segue:

Meus pais se preocupavam em me dar uma boa educação, *não como a gentilha e os **árabes dos subúrbios***. A vaidade da minha mãe por causa disso: *Meus filhos são bem-educados, eu os visto bem, não andam feito pivetes* ou - não sei de onde ela tirava essas informações, talvez do que lhe contava seu pai, ex-combatente da guerra da Argélia - *Meus filhos são bem-educados, não são como os argelinos, você sabe **os argelinos são piores**, é só ver como eles são **mais perigosos que os marroquinos ou os outros árabes***.

Dado que minha mãe sempre assegurava **minha superioridade com respeito aos árabes** ou aos nossos vizinhos extremamente pobres, foi só quando eu saí do colégio que me dei conta de que eu era menos privilegiado do que jamais tivesse imaginado (Louis, 2018, p. 81, **grifo meu**).³

Em apenas dois parágrafos, Louis conseguiu reproduzir um conjunto de pensamentos e crenças compartilhados por seus pais, que enxergam na figura árabe um criminoso, uma pessoa maliciosa e um grupo que está abaixo socialmente deles - por mais que eles sejam da classe social mais baixa. Durante a obra, Louis relata episódios em que a comida na casa dele era escassa, a estrutura da casa era precária, "Um quarto de cinco metros quadrados, com chão de cimento e paredes cobertas de grandes manchas negras circulares, devido à umidade que impregnava a casa [...] Eu escondia as manchas de mofo com pôsteres de cantoras" (*ibidem*, p. 63), eles não tinham acesso a tratamento odontológico, "O dentista era caro demais, e a falta de dinheiro terminava sempre por se traduzir em escolha" (*ibidem*, p. 17), entre outras situações.

Adiante, quando Eddy está próximo de sua fuga e vai fazer o teste de admissão em uma cidade próxima, seu pai o adverte que a cidade para onde está indo é perigosa, visto a alta densidade de pessoas de cor. A passagem em questão é narrada do seguinte modo: "meu pai sempre me dizia e repetia que lá havia muitas pessoas de cor, pessoas perigosas *Em Amiens só tem preto e árabe, essa turcalhada, você ia achar que tava na África*" (*ibidem*, p. 161). Assim, é possível visualizar a quais ideias Eddy era exposto em casa, sem nenhum outro contraponto,

³ As passagens em itálico dos livros de Édouard Louis correspondem aos diálogos. O autor optou por não quebrá-los em parágrafos, mas sim incluí-los dentro de sua narração.

então ele cresce ouvindo de seus pais que esse grupo social-étnico é marginalizado, as pessoas - principalmente os homens - são violentos e maliciosos. Essa visão é incutida nele a ponto de ele começar a ter medo dessas pessoas. Ele narra, ao chegar na cidade em questão, que:

Eu tomei o trem até Amiens. Eu estava nervoso e, a cada parada, esperava que um bando de árabes aparecesse e pulasse em cima de mim e roubasse todos os meus pertences.

Eu andei muito rápido, com a cabeça baixa, até chegar ao liceu Michélin. Cada vez que um negro ou um árabe andava na mesma calçada que eu ... eu sentia o medo tomar conta de mim (*ibidem*, p. 164).

Com isso, percebemos o quão fácil é reproduzir um estereótipo para uma pessoa que não tem conhecimento do diferente, do outro, e por essa ser uma narrativa endossada pelos superiores - nesse caso, os pais -, ela é tida como verdadeira.

Partindo agora para a segunda obra publicada do autor francês, *História da Violência* (2020), temos aqui o relato da noite de Natal de 2013, quando Édouard Louis sofreu um estupro e uma tentativa de assassinato por Reda - jovem descendente de argelinos que tinha acabado de conhecer. O livro é narrado de modo ulterior, o acidente já aconteceu, a queixa já foi prestada no departamento de polícia, os exames de saúde já foram realizados e, no momento da narração, Eddy está na casa da irmã - mesmo local em que foi narrada a fuga mencionada no livro anterior.

A narração dos acontecimentos acontece de dois modos neste livro: Louis ouve a irmã contando ao marido o que aconteceu com ele, o irmão, enquanto ele faz intromissões para o leitor e explica detalhadamente o que aconteceu, e quais pensamentos estavam em sua cabeça no momento da agressão.

Como exposto anteriormente, seu agressor era um homem franco-argelino, com características étnicas árabes, e por isso existem algumas passagens em que Louis narra os comentários preconceituosos direcionados a Reda por parte da polícia, da irmã, e, por fim, pelo próprio Édouard. Ao fazer a descrição para a polícia, ele afirma o seguinte:

Descrevi Reda, primeiro seus olhos castanhos e suas sobrancelhas negras, comecei pelos olhos. Seu rosto era liso. Seus traços eram, ao mesmo tempo, suaves e marcados, masculinos. Quando sorria, covinhas sulcavam seu rosto, e ele sorria muito. A cópia da queixa que eu tenho em casa, redigida em linguagem policial, menciona: "Tipo magrebino". A cada vez que meus olhos recaem sobre essa palavra, eu me exaspero, porque escuto mais uma vez o racismo da polícia durante o interrogatório que se seguiu ao 25 de dezembro, aquele racismo compulsivo e, depois de tudo, aquilo que me parecia ser o único elemento de ligação entre eles, o único elemento, ao lado do uniforme justo demais, sobre o

qual repousava a união dos policiais naquela noite, posto que, **para eles, tipo magrebino não indicava uma origem geográfica, mas queria dizer ralé, bandido, delinquente** (*ibidem*, p. 17, **grifo meu**).

Com isso nós voltamos à generalização a que Eddy era exposto em casa, e da qual inúmeras pessoas na França sofrem diariamente - refletida nos dados das violências citadas no início deste artigo.

E mais adiante ele reproduz o racismo que ele viu em seus pais e nos policiais, do mesmo jeito que ele fez quando era adolescente. Ele narra que, por mais que tentasse, estava sentindo medo de homens desse grupo:

Eu havia me tornado racista. O racismo, isto é, aquilo que eu considerava como radicalmente exterior à minha pessoa, o outro absoluto do que eu era, me reenchia, de súbito, e eu era os outros. Eu me tornava exatamente aquilo que sempre rejeitara me tornar.

No ônibus ou no metrô eu baixava os olhos quando um homem negro ou árabe ou potencialmente cabila se aproximava de mim - pois era somente com os homens, e essa característica era outro absurdo, na fantasia racista que me colonizava, o perigo tinha sempre rosto de homem. Baixava os olhos ou virava a cabeça e implorava em silêncio: Não me ataque, não me ataque. (*ibidem*, p. 162)

Após passar por um trauma, uma experiência de quase morte, o narrador assimilou tudo aquilo que ouvia dentro de casa, na delegacia, na TV, dos políticos de extrema-direita. Ao mesmo tempo, não é dito em momento algum se ele conhece ou tem amizade com alguém de ascendência árabe, o que exclui da obra uma voz que seja não-branca.

Lopes Jr. (2022) afirma que a violência nessa obra é cíclica e contínua, visto que a figura de Reda - único descendente de árabe presente nos livros analisados - assume tanto o papel de agressor quanto de agredido, ele desencadeia uma violência contra Édouard e, a partir disso, nós, leitores, somos expostos a uma série de preconceitos, pensamentos racistas, presentes nos lares e instituições públicas francesas. Estendemos esse entendimento para ambas as obras, visto que comentários parecidos - ou até iguais - já eram ditos sobre o grupo minoritário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a leitura e análise de trechos dos livros de Édouard Louis, foi possível visualizar como alguns franceses, tanto civis como servidores do estado, enxergam a presença árabe na França,

e como um livro, ao não trazer um contraponto, pode retratar uma história única. Por outro lado, entendemos como parte significativa dos franceses pensa e o que sente em relação a diferentes grupos étnicos, e, assim, somos expostos à ideia de superioridade compartilhada entre eles e à visão marginalizada que possuem do outro.

Assim, chegamos ao final da leitura sem que tivéssemos sido expostos a nenhum contraponto. Louis foi capaz de narrar sua própria história, de se dar voz, mas não foi capaz de dar voz a outros grupos. Por isso, é importante que a leitura de obras e romances de autorias diversas sejam consumidas pelo público leitor, mas que esse mesmo público tenha consciência de quais vozes estão sendo lidas, de quais lugares elas falam e a quais classes sociais e etnias pertencem. A partir disso, é possível haver uma maior pluralidade de referências e narrativas, distanciando-se de uma narrativa unidimensional.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K.. *The Location of Culture*. London and New York: Routledge Classics, 2004. 408 p.

BUBOLA, Emma. (2019, 20 de janeiro). Uma pergunta divide a França: onde o árabe deve ser ensinado?. *Gazeta do Povo*. <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/uma-pergunta-divide-a-franca-onde-o-arabe-deve-ser-ensinado-82osieye2pwj75ir3oopp7jp4/>. Acesso em: 26 jan. 2024

LOPES JR., Paulo Cesar da Silva. *Na vida e na escrita: o universo autobiográfico de Édouard Louis em O Fim de Eddy e na História da Violência*. 2022. 78 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Letras, Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

LOUIS, Édouard. *O Fim de Eddy*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018. Tradução de Francesca Angiolillo.

LOUIS, Édouard. *História da Violência*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2020. Tradução de Francesca Angiolillo.

NESVET, Rebecca. Blood Relations: Sweeney Todd and the Rymers of London. *Notes And Queries*, Oxford, v. 64, n. 1, p. 112-116, 23 jan. 2017. Oxford University Press (OUP). <http://dx.doi.org/10.1093/notesj/gjw258>.

O GLOBO. *A dificuldade de a França acolher árabes e judeus*. (2015, 18 de janeiro), Editorial. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniao/a-dificuldade-de-franca-acolher-arabes-judeus-15071526#:~:text=A%20França%2C%20em%20particular%2C%20enfrenta,apenas%20por%20Israel%20e%20Estados>. Acesso em: 26 jan. 2024.

PINHEIRO, Jorge; SANTOS, Naira Pinheiro dos. Cidadania e Islamismo na França. *Caminhos*, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 289-307, 2020. DOI: 10.18224/cam.v18i2.8005

PREST, Thomas Peckett; RYMER, James Malcolm. *Sweeney Todd: o barbeiro demoníaco de Fleet Street*. 3. ed. São Caetano do Sul: Wish, 2020. 320 p. Tradução de Carolina Caires Coelho.

SAID, Edward W.. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007. Tradução baseada na edição de 1995 da editora Penguin Books, Inglaterra.

SALLES, Karina dos Santos. *PENNY BLOODS: o horror urbano na ficção de massa vitoriana*. 2015. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/10166/Penny%20Bloods%20-%20O%20Horror%20Urbano%20na%20Ficção%20de%20Massa%20Vitoriana%20-%20Dissertação%20de%20Mestrado%20-%20Karina%20dos%20Santos%20Salles.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 set. 2022.

SOUZA, Lynn Mário Trindade Menezes de. De Versões Mutantes e Lama no Ventilador: a questão da história na literatura pós colonial. *Caderno de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 30, p. 43-55, jun. 1996.

VLAD, Valquíria. O horror urbano da Londres vitoriana: penny dreadfuls, literatura gótica e musicais. Prefácio. In: PREST, Thomas Peckett; RYMER, James Malcolm. *Sweeney Todd: o barbeiro demoníaco de Fleet Street*. 3. ed. São Caetano do Sul: Wish, 2020. p. 10-17.

AUTORIA

Rodrigo Matos da Silva Gonçalves tem mestrando em Letras - Estudos Literários na linha de Literatura Comparada no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), graduado em Letras - Português e Inglês - Licenciatura Plena na UFS e especialista em Tradução e Revisão de Textos em Língua Inglesa pela FACUMINAS (MG). Atualmente, realiza pesquisas no campo da autoficção, com foco na produzida pelo autor Édouard Louis. Entre 2020 e 2021, foi pesquisador no Programa Iniciação Científica Voluntária, no projeto 'Narrativas literárias de escritoras afrodescendentes de línguas portuguesa e inglesa.